



XXIV
Mostra
de Iniciação
Científica

SEMANA DO
CONHECIMENTO

A Universidade em movimento

De **7 a 10** de outubro de 2014



RESUMO

A função do medo em Hobbes: sobre a causa da transição do estado de natureza para o estado civil

AUTOR PRINCIPAL:

Homero Damo

E-MAIL:

homerodamo@hotmail.com

TRABALHO VINCULADO À BOLSA DE IC::

Não

CO-AUTORES:

Edson Alencar Casagrande

ORIENTADOR:

Edson Alencar Casagrande

ÁREA:

Ciências Humanas, Sociais Aplicadas, Letras e Artes

ÁREA DO CONHECIMENTO DO CNPQ:

Filosofia: 7.01.00.00-4 Ciência política: 7.09.00.00-0

UNIVERSIDADE:

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

INTRODUÇÃO:

O problema de formação e justificação de um Estado civil sempre foi e ainda é um assunto importante e muito debatido entre os filósofos. A discussão sobre como surge o estado deu-se primeiramente sob uma discussão a cerca da naturalidade ou não naturalidade política dos homens, primeiramente problematizada por Aristóteles com sua teoria que o homem é naturalmente político. A discussão continuou por anos e ao longo do tempo a discussão sobre política entrou em um campo sobre as origens do poder dos líderes, amplamente discutida na filosofia medieval. Algum tempo depois, a política ganhou um rumo diferente com a obra *“O príncipe”* de Maquiavel, onde a política foi fundamentada em uma profunda análise da natureza humana e seu desejo de poder e anseios de subjugar os próximos, nessa obra o medo aparece pela primeira vez significativamente como algo fundamental na política. As discussões sobre política avançaram até que chegaram a Hobbes e sua teoria de fundação do Estado pelo medo.

METODOLOGIA:

A presente investigação encontra-se em fase final e se baseia fundamentalmente na análise bibliográfica. Desse modo, será feito então, um estudo analítico-reconstrutivo das obras filosóficas que envolvem o tema em estudo, realizando através de uma série de fichamentos, resumos, discussões em grupo e produção textual, um apanhado de ideias sobre a teoria hobbesiana de política associada à relação da liberdade com o medo e como ocorre a transição de um possível estado de natureza para o estado civil.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

Estudamos neste artigo a visão política de Hobbes a cerca de alguns pontos fundamentais dentro da filosofia política e como ela sofre uma transição radical após a passagem do estado de natureza para o estado civil. O medo passa a ser algo menor e mais direcionado contra aqueles que são contra as vontades do soberano; o poder passa a servir não mais como fonte de insegurança na mão de todos, mas sim como uma ferramenta para garantir a paz social; a liberdade deixa de ser algo completamente sem regras para ser regrada, e assim serve para evitar a destruição dos homens pelos homens. Todos esses conceitos mudam de forma, graças à figura do soberano, que detêm o poder de todos, poder que só está abaixo do poder de Deus.

A visão política de Hobbes foi algo desafiador e perigoso para a sua época. Hobbes rompeu o paradigma de que o poder de um soberano provém de uma instituição superior (uma igreja) ou de uma divindade. O poder Hobbesiano é um poder originário de um contrato entre os homens e o poder emana dos próprios homens, que o doam para um único homem, o soberano. Ainda, Hobbes rompeu com a ideia política de Aristóteles, que considerava o homem naturalmente político. Para Hobbes, a política surge como uma invenção da racionalidade humana para conseguir lidar com o medo provocado pela ausência de um estado civil, onde todos são livres e ninguém está seguro.

CONCLUSÃO:

Concluimos ao termino deste trabalho a importância da teoria política de Hobbes para a compreensão de como funcionam as relações políticas nos estados civis. Sua obra filosófica baseada numa construção do poder político através da racionalidade foi e ainda é muito relevante a todos aqueles que desejam estudar filosofia política.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

HOBBS, Thomas. De Cive: elementos filosóficos a respeito do cidadão. Petrópolis: Vozes, 1993. 302 p.
_____. Leviatã: ou matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil. 1. ed. São Paulo: Abril, 1974. 423 p. ; (Os pensadores ;v.14)

Assinatura do aluno

Assinatura do orientador